

## *A oeste deste céu*<sup>1</sup>

João de Mancelos

### Alguns poemas do livro

#### **Zero decibéis**

Um punhado de silêncio:  
nada acaricia mais  
a nudez do verão:  
nem verbos, nem poemas.

Quietude é um sorriso ou a erva,  
quando a chuva despe a terra,  
e tu desistes dos sapatos  
e corres.

Corres para melhor escutar  
o silêncio que pulsa em ti.

#### **Lábios**

Duas flores esmagadas  
no íntimo do silêncio,

Um gomo de asas contempladas  
em si mesmas,

Solitárias ilhas debruçadas  
nas marés de uma palavra.

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. *A oeste deste céu*. Aveiro: Estante, 1993. 64 pp. DL: 62330/93.

### **A lírica mínima do amor**

É raro, o amor,  
como pirilampos ou chuvas  
em céus de verão.

É a segura última  
no gosto das amoras,  
é um tremente olhar  
à sombra de outro olhar.

E mais insustentável será,  
um lago que se agita nas mãos,  
e sabe a lume de criança.

E o amor és tu. E tu és breve.  
E há quem rumo à noite  
de ti se baste e sonhe,  
até à fundura da solidão.

É raro, o amor.  
É apenas esse nome teu  
que em meus lábios floresce.

### **8:30**

Hoje entraste na minha aula  
de Inglês,  
sem sílabas, nem rosas, nem sorrisos,  
nem nada que ditasse do programa.

Hoje tinhas olhos de noite  
e um medo de bicho ferido  
poisado entre as mãos.

Serias o lar espancado,  
Serias a boneca fuzilada,

Hoje trouxeste contigo  
o melhor outubro deste céu.

### **Acentuado esquecimento noturno**

Amor, não sei quem és, nunca te vi,  
mas meu coração hibernará  
para que o teu o escute,  
e nos gomos destes lábios  
não hão de poisar palavras  
até os teus beberem da sua sede.

E batalharei pelo que só  
em teus olhos haverá,  
E não te deixarei ceifar o riso  
às aves clandestinas  
que finges antes de adormeceres.

E se não vieres nem tarde,  
e se por um lunário qualquer  
eu medir a vida e houver  
um acentuado esquecimento noturno —

Amor, não sei quem és, jamais te vi,  
mas não me libertarei  
nem da química lágrima  
nem da chuva ácida  
nem do teu olhar.

## **Mãos**

Há mãos que amam, feridamente,  
como quem molda a nudez à luz,

Há mãos que vestem de outubro  
a noite,  
e nos deixam o verão.

Há mãos gritantes,  
mãos de sol,  
há mãos que fendem cercos  
e plantam rosas sobre os muros.

Tuas mãos serão assim:  
frágeis, breves, incuráveis,  
Ilhas gémeas sobre mim.

## ***Made in Coketown***

Têm alma de fera,  
as grandes fábricas,  
pela noite.

É a industrial solidão  
das chaminés e fogos-fátuos  
e outros ínfimos luas.

No tão tóxico céu,  
os elefantes de aço e trovão  
marcham,

E sob as patas  
só o humano suor  
é a mais mística chuva.

## **As revoluções do amor**

Benditas sejam as caves do coração,  
onde se conspiram  
as revoluções do amor.

Benditas sejam as crianças da chuva,  
expulsas para o paraíso,  
que uma lâmina abraçou  
para além da dor.

E abençoadas sejam as palavras,  
o riso e os poetas  
que colhem as aves despenhadas,  
porque só eles guardam no olhar  
o fruto último do amor.